



XV SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO
A Cidade, o Urbano, o Humano Rio de Janeiro, 18 a 21 de setembro de 2018

O PLANO REGIONAL PARA O MÉDIO PARAÍBA FLUMINENSE E O PROJETO DA VILA OPERÁRIA DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN) DE ATTÍLIO CORRÊA LIMA

VILAS E CIDADES, URBANIZAÇÃO E REGIONALIZAÇÃO

JÚLIO CLÁUDIO DA GAMA BENTES, UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

RESUMO

O planejamento urbano exerceu um papel relevante na expansão da rede urbana brasileira durante o período conhecido como Era Vargas (1930-1945). As cidades passaram a ser vitrines pedagógicas do que deveria ser o Brasil urbano. Na mesma época iniciou-se uma nova fase da industrialização brasileira com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1941. Indústria e urbano estavam na base do capitalismo nacionalista e da modernidade racionalista, captados pelas ações empreendidas por Getúlio Vargas. O Plano Regional para o Médio Paraíba Fluminense e o Projeto da Vila Operária da CSN em Volta Redonda, ambos elaborados pelo arquiteto e urbanista Attílio Corrêa Lima, são focos desta reflexão por revelar a importância que têm para a historiografia sobre a temática urbano-industrial no período. Volta Redonda, antigo distrito de Barra Mansa, foi sendo transformada em um centro urbano de importância regional com o adensamento industrial do Médio Vale do Paraíba, no eixo Rio-São Paulo. A urgência na instalação da CSN e a necessidade de construção da cidade para atender aos operários fez com que a proposta original do Plano fosse desmembrada. O Plano Regional visava preparar o território para as intensas transformações que viriam com as industriais e o processo de urbanização, em especial a chegada de numerosos trabalhadores para a indústria. As alterações e não execução do planejamento, sujeito aos interesses do capital, deixaram marcas na região que se estende até o presente.

PALAVRAS-CHAVE: Planejamento Urbano, Desenvolvimento Regional, Era Vargas.

THE REGIONAL PLAN FOR THE MÉDIO PARAÍBA FLUMINENSE AND THE PROJECT OF THE VILA OPERÁRIA OF COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN) BY ATTÍLIO CORRÊA LIMA

ABSTRACT

The urban planning exerted a significant role in the expansion of the Brazilian urban network in the Vargas age (1930-1945). At the same time began a new phase of Brazilian industrialization, with the creation of the Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) in 1941. Industry and urban were the foundations of nationalist capitalism and rationalist modernity, captured by actions started by Getúlio Vargas. The Regional Plan for the Médio Paraíba Fluminense and the Atílio Corrêa Lima's Project of the Vila Operária in Volta Redonda, both elaborated by this architect and urbanist, are the focus of this thought because they represent to be important to the historiography on the subject until these days. Volta Redonda, old district of Barra Mansa, was being transformed into an urban center of regional importance, with the industrial density of the Médio Vale do Paraíba, in the Rio-São Paulo axis. The urgency in the installation of the CSN and the need to build the city for the workers' demands made the original proposal divided in two parts. The Regional Plan was intended to prepare the territory for the intense transformations that come with the industries and urbanization process in order to plan for the occupation under high demand for labor. The changes and the non-execution of the planning, submit to the interests of capital, left a trail that extends to the present in this region.

KEY-WORDS: *Planning, Regional Development, Vargas Age.*

INTRODUÇÃO

Na chamada Era Vargas entre os anos de 1930 e 1945 o planejamento urbano possuiu um papel relevante na expansão da rede urbana brasileira com a ocupação dos grandes vazios territoriais existentes no país e a modernização das cidades. Arquitetos e engenheiros foram mobilizados para responder às novas demandas com a elaboração de programas e planos, sendo a principal delas o crescimento populacional das cidades. Cada nova cidade, fábrica ou colônia agrícola deveriam ter caráter exemplar para os demais lugares do país. As cidades passaram a ser vitrines pedagógicas do Brasil urbano em formação, sendo elas instrumentos de promoção do governo Vargas.

Os planos desenvolvidos nessa época tinham uma abordagem mais abrangente que foi perdida no decorrer do tempo, passando a ser priorizados os planos setoriais, como habitação, transporte e saneamento. No período foram realizados importantes planos urbanísticos para as capitais: Plano de Remodelação, Extensão e Embelezamento da Cidade do Rio de Janeiro, de Alfred Agache, 1930; Plano de Grandes Avenidas de Prestes Maia em São Paulo, 1930; Conjunto da Pampulha em Belo Horizonte, 1943; Plano de Urbanização de Curitiba, também de Agache, entre 1941-43 (parcialmente implantado); três planos urbanísticos para Porto Alegre, elaborados por Arnaldo Gladosch; quatro planos urbanísticos para Recife, entre 1932 e 1942, com os de 1936 e 1942 de autoria de Atílio Corrêa Lima. O plano original de Goiânia foi elaborado por Corrêa Lima em 1933, sendo inspirado na Cidade-jardim de Ebenezer Howard, com a nova capital de Goiás inaugurada em 1940 e que foi considerada exemplo de capital administrativa.

Durante a década de 1940-50 no antigo Estado do Rio de Janeiro houve a exigência legal pelo governo estadual da realização de planos diretores municipais. Ainda nessa década o estado lançou o programa “Plano de Urbanização das Cidades Fluminenses”, que dividiu o estado em duas áreas de planejamento cujas responsabilidades por suas elaborações ficaram com os escritórios de Corrêa Lima para o Sul Fluminense e o Coimbra Bueno e Companhia Ltda. para o Norte Fluminense. Contudo, a iniciativa oficial não conseguiu instituir um efetivo e permanente processo de planejamento (AZEVEDO, 2012).

Atílio Corrêa Lima formou-se engenheiro-arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) em 1925 e tornou-se urbanista pelo Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, retornado ao Brasil em 1931. Durante o período em que viveu na França foi realizado o primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), em que foram afirmados os ideários do urbanismo racionalista. O arquiteto trabalhou intensamente em projetos governamentais durante o governo Vargas. Além dos já mencionados foram por ele realizados os projetos da Vila Operária da CSN (1941), dos conjuntos residenciais de grande porte em Várzea do Carmo e Heliópolis em São Paulo (1943) e estavam em elaboração o Plano Regional do Médio Paraíba Fluminense e o estudo para a Cidade dos Motores da Fábrica Nacional de Motores (FNM, 1943), em Duque de Caxias-RJ. Porém, seu trabalho foi abruptamente interrompido por um acidente aéreo em 27 de agosto de 1943 e que levou ao seu falecimento prematuro.

A IMPLANTAÇÃO DA COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL (CSN)

No Estado Novo (1937)¹ o Presidente Getúlio Vargas afirmava para a nação que a siderurgia era indispensável para a criação da indústria de base e a industrialização do Brasil. A proposta de implantação da CSN em Volta Redonda, então distrito do município de Barra Mansa, transformou-se em projeto de nacionalidade e paradigma urbano provido pelo Estado.

A Comissão Executiva do Plano Siderúrgico foi formada em 1940² e tinha como objetivo a criação e construção de uma companhia siderúrgica, estando sob direção direta do presidente da república. Em 9 de abril de 1941 foi fundada no Rio de Janeiro a CSN. A empresa serviu, em grande parte, de modelo para a constituição da moderna sociedade brasileira, associado tanto os aspectos econômicos, industriais e tecnológicos, quanto as experiências nos campos social e do urbanismo. A CSN criou normas sociais com amplitude que ultrapassaram sua atuação direta e desempenhou ações sociais junto aos seus empregados e familiares (LOPES, 2003).

A industrialização da região do Médio Paraíba fluminense teve início na década de 1930-40, fato concomitante com a chegada de trabalhadores rurais deslocados de suas antigas funções, em parte pelo declínio da cultura do café. A cidade de Barra Mansa era polo de atração e crescimento, sendo então um importante cruzamento ferroviário.

Para a implantação da CSN foram considerados como fatores locais essa região estar situada entre as capitais do Rio de Janeiro e de São Paulo, cujo eixo já respondia por 75% dos consumidores de aço, como também a presença de caminhos traçados para o escoamento do café, a disponibilidade de linhas férreas, a abundância de água com presença do rio Paraíba do Sul e ainda de energia elétrica. A esses fatores somaram-se as articulações políticas do então Governador do estado e interventor Amaral Peixoto, genro de Getúlio Vargas, e de políticos locais que queriam ver valorizadas as terras de suas decadentes fazendas.

Em 1940 o governo do Estado do Rio de Janeiro decidiu solicitar ao arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima uma proposta de trabalho para a urbanização das áreas que sofreriam impactos mais imediatos com a implantação da siderúrgica. Não bastaria apenas construir habitações para os operários, era necessário preparar o território para receber a grande usina planejando a sua ocupação, que certamente teria forte demanda. O plano regional seria o modelo de cidade do Estado Novo para outros lugares de futura industrialização.

A proposta inicial foi entregue por Corrêa Lima no final de 1940 e incluía um plano regional que abrangia 25 km², que se estendia a partir de Barra Mansa por 18 km até a Vila de Pinheiros, em Piraí, com a usina ao centro em Volta Redonda³. A proposta incluía:

¹ Regime de exceção instituído por Vargas a partir de um golpe de estado (autogolpe) em 10 de novembro de 1937. É parte do período conhecido como Era Vargas.

² Comissão formada em 04/03/1940.

³ "Proposta para o Estudo do Plano Regional de Urbanismo para Volta Redonda, no Vale do Paraíba, onde será instalada a Usina Siderúrgica", datada de 25 de dezembro de 1940, destinada ao Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro. O atual município de Pinheiral naquela época era a vila de Pinheiros.

- Plano de conjunto: localizaria as futuras indústrias, núcleos urbanos, lavouras, sistema viário, reserva florestal, entre outros;
- Plano de urbanização de Barra Mansa: definiria a remodelação da cidade e sua extensão racional, de acordo com as tendências locais e a adaptação as condições futuras pela convergência de capitais industriais atraídos pela siderúrgica;
- Projeto da Vila Operária para Volta Redonda: previa o máximo rendimento e conforto com o mínimo de despesas e manutenção, estabelecendo categorias e tipos de habitação, equipamentos urbanos, centro comercial e infraestruturas.

Contudo a urgência de instalação da CSN e o interesse da Comissão do Plano Siderúrgico na construção da cidade para atender aos operários fez com que a proposta fosse dividida em duas. O projeto da Vila Operária da CSN teria sua elaboração imediata, no âmbito da comissão, enquanto os demais itens da proposta de Corrêa Lima, incluindo o plano regional, seriam objeto de contrato efetivo com o Estado do Rio de Janeiro em maio de 1941.

O PROJETO DA VILA OPERÁRIA DA CSN

O projeto traçado para a Vila Operária de Volta Redonda é facilmente inidentificável por sua morfologia urbana e características aprazíveis. Na elaboração do projeto Corrêa Lima seguiu os preceitos racionalistas, com as funções urbanas separadas e bem definidas: habitar, trabalhar, recrear e circular. Isto induzia a especialização das áreas e o ordenamento racional dos fluxos, com vias claramente hierarquizadas, separando, inclusive, o trânsito local das demais circulações.

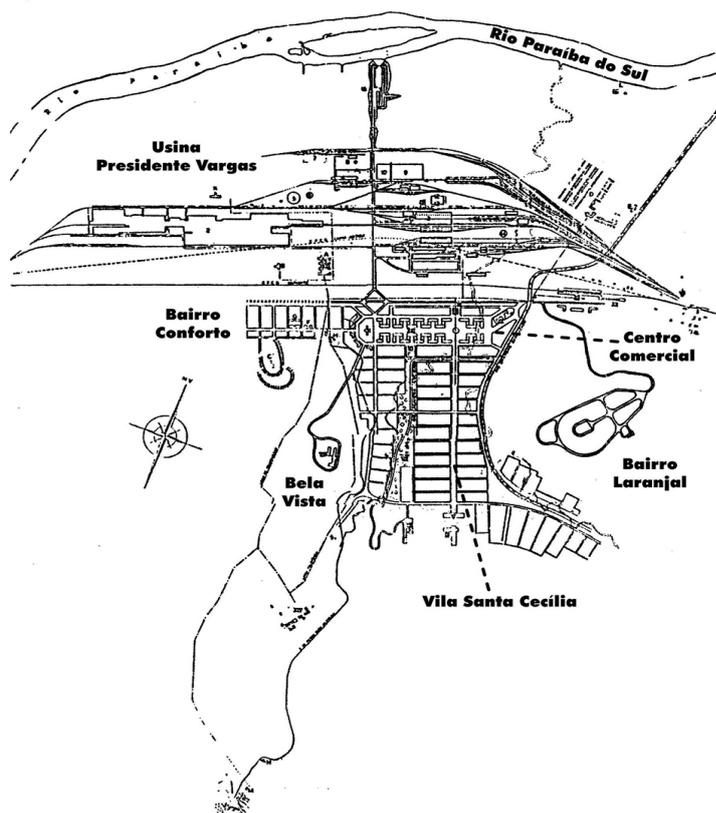


Figura 1. O plano urbanístico e a planta industrial da usina eram apresentadas em um plano geral. Fonte: LOPES, 2003.

A divisão das funções urbanas pode ser facilmente percebida na planta do plano geral (figura 1). A usina foi planejada junto à margem direita do rio Paraíba do Sul⁴. Já a área comercial foi localizada junto à usina, separando os setores fabril ao norte e residencial ao sul. O antigo povoado da estação, localizado no extremo leste, também foi referenciado no plano. O higienismo de então era requisitado tanto para as construções quanto para os padrões e regulamentos de uso dos espaços públicos e privados.

No centro da área comercial foi projetada uma via larga destinada ao comércio (Rua 14), em que seriam construídas edificações de dois pavimentos sobre galerias cobertas no térreo. No extremo oeste desta rua comercial foi indicado o local para o edifício da prefeitura, próximo à entrada da usina. Nesse local foi posteriormente edificado o escritório central da CSN, sede da indústria. O plano previa ainda a construção de um cineteatro na área comercial. Provisoriamente foi edificado um cinema chamado de Poeirinha pelos trabalhadores.

O projeto previa também hospital, posto saúde, escola, equipamentos de lazer e áreas verdes, em sua maioria construídos. Os equipamentos médicos (hospital e ambulatório), foram localizados à leste, no sopé do morro do Laranjal. No extremo sul da ocupação foi prevista uma escola mista junto ao parque e uma creche localizada ao lado do centro comercial, no caminho entre a área residencial e a entrada principal da usina. Um hotel comercial foi previsto próximo à estação ferroviária e um outro para atender aos estrangeiros foi planejando no alto de um morro à oeste, onde se vê a usina e a cidade, ambos foram construídos. Não foram planejados equipamentos policiais, presídio e nem cemitério. Já uma igreja católica foi implantada no alto de uma elevação, sendo fruto da presença do catolicismo na cultura e política nacionais, apesar de não ser prevista no projeto original.

A estação ferroviária da E.F. Central do Brasil. (EFCB) não recebeu muito destaque no plano. A antiga estação e os edifícios no entorno foram posteriormente demolidos, sendo eliminados ainda os antigos caminhos.

Próximo à área da estação foram planejados e implantados os acampamentos provisórios com edificações elaboradas em *kits* pré-fabricados de madeira trazidos de trem do Paraná. No canteiro de obras foram construídas centenas de habitações coletivas, também em madeira, além de escritórios, restaurantes, hospital provisório, instalações de apoio a extração de matérias primas básicas disponíveis no local e uma central de concreto. As instalações foram dotadas de infraestruturas básicas de saneamento e energia.

À oeste foi edificado um bairro-acampamento para os operários menos qualificados chamado de Rústico por suas com casas de pau-a-pique, construídas com supervisão sanitária de especialistas, em que comprovava o avanço deste tipo de habitação no país e com esse material já sendo utilizado desde o tempo do Brasil colônia (LOPES, 2003).

Os extratos sociais de trabalhadores se distanciavam no espaço urbano da Vila Operária segundo as categorias profissionais e o padrão salarial. Isto pode ser percebido no plano, que evidencia a

⁴ O projeto da siderúrgica foi elaborado pela empresa norte-americana Arthur G. Mc.Kee & Co.

segregação residencial, com a estratificação social acompanhando a topografia. Isso pode ser observado a partir dos tamanhos dos lotes e das tipologias residenciais: quanto mais alto o cargo ocupado na empresa, mais distante da usina e mais alta na topografia era a localização da residência.

Os bairros nos locais mais altos, Laranjal e Tangerinal, foram destinados aos técnicos e diretores da empresa, assim como o Hotel Bela Vista em que ficavam hospedados os consultores norte-americanos. Esses bairros eram exceções à regra de preservar os morros como áreas de reflorestamento. Por outro lado, no bairro Conforto, localizado imediatamente à frente da usina, os operários conviviam com a poluição⁵. Já a sede da Fazenda Santa Cecília, preservada e situada num vale afastado da Usina, servia como residência do presidente da CSN.

A questão habitacional no plano foi alvo de debate na época de sua elaboração, com a discussão girando ao redor das tipologias das edificações – casa unifamiliar versus edifício multifamiliar – e envolvia aspectos das relações entre arquitetura e cultura. Corrêa Lima preferia edifícios multifamiliares, mas a direção da CSN considerava a casa térrea como a tipologia mais propícia aos hábitos dos trabalhadores da época, prevalecendo essa última visão. Mesmo os bairros voltados para os operários menos qualificados possuíam padrões de habitação superiores ao da média das habitações brasileiras, contando com infraestruturas e arborização, além dos serviços de manutenção prestados pela CSN, com os aluguéis dos imóveis mantidos com valores simbólicos.

O plano previa ainda um cinturão verde na margem esquerda do rio Paraíba com o reflorestamento dos morros de forma a desestimular a ocupação das encostas, no sentido do vento que carrega a poluição industrial. Ao mesmo tempo, o espaço urbano seria muito arborizado com um grande parque que atravessa grande parte da Vila, acompanhando o eixo do ribeirão Cachoeira que foi retificado. Posteriormente foram construídas junto ao parque as instalações esportivas, o Recreio do Trabalhador. A ênfase no esporte e nas celebrações civis e militares iam ao encontro da construção integral do homem novo.

O Presidente Getúlio Vargas destacava em seus discursos a importância de orientar a produção do campo para o atendimento das áreas urbanas. Assim, o potencial agropecuário seria desenvolvido na Fazenda Santa Cecília, com sua produção incrementada para abastecer a força de trabalho industrial.

A CSN e a Vila Operária foram edificadas segundo um “modelo autárquico” típico das cidades monoindustriais fordistas. A empresa utilizava diversas estratégias para educar, vigiar e controlar o trabalhador dentro e fora da fábrica. A Vila foi construída à imagem e semelhança da usina, com as casas, serviços, lazer, áreas públicas e privadas sendo desdobramentos da fábrica. O sistema numérico das ruas permitia a rigorosa definição da posição de cada elemento na Vila Operária, havendo assim um duplo controle dos trabalhadores. A presença da usina com seus enormes galpões marca a paisagem da cidade, observada de todas as perspectivas. Vila e Usina simbolicamente se integravam e completavam, crescendo juntas como uma única unidade espacial e disciplinadas no modo de aglomeração da massa trabalhadora, diferente das vilas fabris tradicionais (SOUZA, 1992).

⁵ O perfil dos profissionais passava por consultores, engenheiros e técnicos especializados até chegar a base, em que os chamados “arigós” despenhavam os serviços mais desqualificados (LOPES, 2003).



Figura 2. Construção da Vila Operária, maio/1942. Fonte: MOREIRA; BRANDT, 2005.

A mão-de-obra para a construção da usina foi sempre crescente, com 762 trabalhadores no começo da construção em 1941 e avançando para 6.164 em 1942, enquanto a população da cidade já era estimada em 10 mil habitantes. Em 1946, ano do início da operação da usina, esses números eram de 11.719 empregados da CSN e 26.507 habitantes na cidade. As primeiras 462 habitações da Vila Operária (figura 2) foram entregues no segundo semestre de 1943 e teve início a circulação dos ônibus da CSN para transporte coletivo. No ano da inauguração, em 1948, já haviam sido edificadas na Vila Operária 3.003 habitações, com a construção dessas sendo interrompida. Apenas ao término das obras foi erguida uma cerca delimitando o perímetro da usina.

O PLANO REGIONAL

O contrato entre Corrêa Lima e Estado do Rio de Janeiro para elaboração do Plano Regional de Urbanização de Barra Mansa e da Vila de Pinheiros foi assinado em maio de 1941⁶. O plano tinha como objetivo dar orientação urbanística visando combater os impactos negativos da implantação do projeto siderúrgico, o que justificou seus amplos propósitos. Os princípios do plano eram o de planejar e ordenar as ocupações, com a remodelação das partes urbanas e adaptando as condições futuras para servir como centro de expansão e convergências de capitais e novas indústrias, a serem atraídos em decorrência da implantação da usina siderúrgica em Volta Redonda.

O plano deveria prever a expansão da urbanização até a Vila de Pinheiros (hoje município de Pinheiral), melhorando a conexão entre os centros urbanos existentes, estabelecendo o local das futuras indústrias, núcleos de habitação, pequenas lavouras, rede de viação, reserva florestal, entre outros.

⁶ Diário Oficial, 11/05/1941.

Este plano deveria conter a sistematização e coordenação dos antigos e novos setores da vida urbana, observado o trânsito, comunicações, zoneamento e legislação.

O escopo do plano abrangia o levantamento planimétrico da região (figura 3), tendo como eixo a estrada de rodagem com 18 km de extensão que ligava Barra Mansa à Pinheiros, e o levantamento topográfico semi-expedito do eixo e de precisão da cidade de Barra Mansa e da Vila de Pinheiros⁷. Foram utilizados ainda os levantamentos realizados para a construção da Vila Operária em Volta Redonda. A partir dos levantamentos seriam produzidas as plantas cadastrais da cidade⁸ e, em seguida, deveria ser elaborado por Corrêa Lima o plano de ligação entre Barra Mansa e Pinheiros, conectando ambos ao então distrito de Volta Redonda, localizado entre os dois núcleos urbanos. Acompanhando o plano viria um memorial descritivo, a proposta de legislação para o zoneamento e reserva florestal, o Código de Obras e Urbanismo e o plano de financiamento das obras (PAULA, 2009).

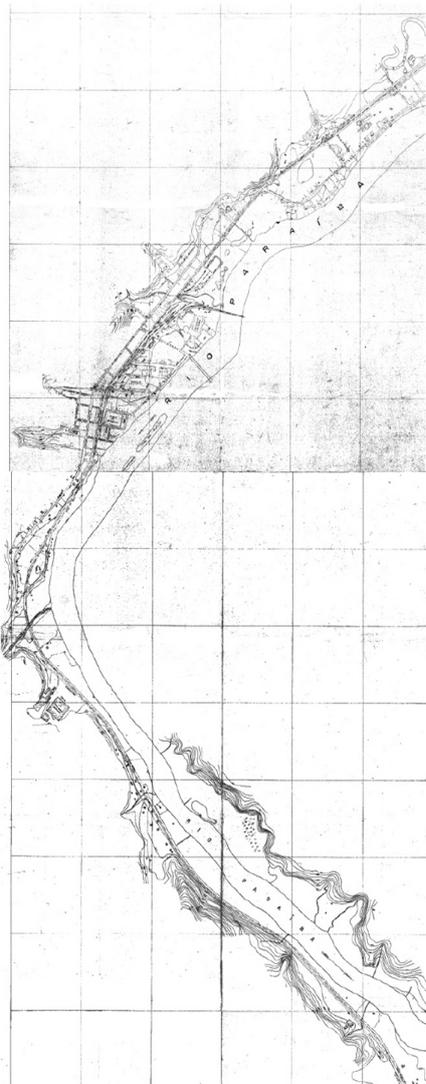


Figura 3. Montagem das Folhas VI e VII do Levantamento Planimétrico em escala 1/5000. Só foram encontradas as folhas referentes ao município de Barra Mansa. Fonte: PAULA, 2009.

⁷ Este levantamento foi realizado pelo Escritório Técnico de Topografia e Urbanismo de Niterói, junho/1941.

⁸ Posteriormente parte deste levantamento foi entregue à Prefeitura de Barra Mansa.

Em Barra Mansa o plano previa um conjunto de alamedas, sendo que a principal acompanharia o sentido do rio Paraíba do Sul e as demais seriam transversais a primeira, conectando equipamentos urbanos e acessos à cidade. As alamedas foram projetadas com canteiros centrais arborizados, dividindo os fluxos e trazendo conforto nas proximidades da margem do rio, qualificando a via que seguiria linearmente em direção à outras centralidades urbanas. O projeto das alamedas tinha influência do modelo da Cidade-jardim (PAULA, 2009).

A grande alameda principal ajardinada seria iniciada no extremo norte de Barra Mansa, em uma grande rotatória, e nortearia todo o plano de urbanização desse município, localizada entre rio Paraíba e a via férrea. Após o centro urbano de Barra Mansa essa alameda continuaria numa faixa estreita entre a ferrovia e o rio, em direção ao distrito de Volta Redonda, encontrando o projeto da Vila Operária da CSN. Posteriormente esta via seguiria ao longo do rio até a Vila de Pinheiros. Segundo Paula (2009) esta via tinha o objetivo claro de desenvolver a margem direita do rio Paraíba, mas sem competir com a ferrovia.

A partir desta via principal surgiriam alamedas transversais menores que penetravam a cidade, absorvendo o fluxo nos pontos estratégicos junto aos edifícios públicos ou cruzando a via férrea para alcançar os caminhos que levam para fora da cidade. O urbanista chegou a indicar no plano os locais para a implantação de equipamentos urbanos, como o mercado municipal e a estação rodoviária, que foi construída posteriormente.

O Código de Obras de Barra Mansa foi elaborado por Corrêa Lima, sendo promulgado em 1945. Esse baseava-se nos modelos europeus de cidade, sendo inovador para a época, em que previa afastamentos mínimos das edificações, frontal e laterais, o que proporciona maior ventilação e conforto térmico e melhorava a qualidade de vida urbana.

A execução do plano regional em Barra Mansa foi interrompida com a fim do Estado Novo e a mudança do governo municipal em 1945. O único componente do plano regional que permaneceu foi o código de obras.

Durante um breve período Corrêa Lima desempenhou uma dupla função ao acompanhar a materialização do projeto de Volta Redonda e atuar junto à Prefeitura de Barra Mansa na elaboração de parte do plano regional. Nesse município o urbanista ficou por um tempo responsável por aprovar os projetos de obras particulares, tanto em Barra Mansa quanto no distrito de Volta Redonda. Contudo, Corrêa Lima não conseguiu influir nas transformações urbanas que estavam em curso (LOPES, 2003).

DESENVOLVIMENTO E CONFLITOS URBANOS

Em um primeiro momento a CSN centralizava e dirigia o desenvolvimento, implantando e administrando a usina e o núcleo urbano entre 1941 e 1954, ano de emancipação de Volta Redonda. A empresa também mantinha patrimônio, equipamentos e mobiliário urbano, divulgando as “facilidades” oferecidas na Vila Operária.

Na transformação dos antigos trabalhadores rurais em operários urbanos eram passadas instruções de uso dos espaços públicos e privados. A utilização das habitações era ensinada às mulheres, sendo impostos padrões funcionais, higiênicos e de comportamento que se estendiam às festas, diversões e comemorações no convívio da vizinhança.

Contudo a tranquilidade da cidade contrastava com o trabalho duro no ambiente opressor da Usina. O tempo e os hábitos cotidianos eram ditados pelo cartão de ponto, que controlava as horas trabalhadas nos três turnos ininterruptos.

Na Vila Operária, território da CSN, era mantido um controle quase que absoluto da vida social. Para garantir a ordem a empresa dispunha de uma polícia própria com controle fortemente militarizado, tanto na usina quanto na cidade. Trabalhadores tiveram problemas psicológicos motivados pelo rígido controle e pelo fato da usina ser vista de toda a Vila Operária. Técnicos que deixaram o lugar comparavam Volta Redonda a uma guarnição militar (SOUZA, 1992).

Também nos equipamentos de esporte e lazer a disciplina da usina estava presente, organizando o cotidiano. Em documentos e publicações, a CSN se refere à “família siderúrgica” como meio de “criar” laços sociais entre dirigentes e operários, passando a ideia do Estado neutro, acima das classes sociais, que conferia benefícios e zelava pela população (MOREIRA, 2003).

Como a oferta de residências pela CSN era ínfima em relação à demanda de seus operários, surgia paralela à Vila Operária a “Cidade Livre”, que abrigava aqueles menos qualificados e os desmobilizados com o término da construção. Na margem esquerda do rio Paraíba se desenvolveu uma área pobre e não planejada, com crescimento acelerado e desvinculada dos interesses diretos da CSN. Nesse ambiente urbano confuso crescia a especulação imobiliária, com loteamentos que não respeitavam à legislação urbanística, sem infraestrutura, arruamentos, calçadas e alinhamentos. No caso de Volta Redonda, apesar de contemporânea à Vila planejada, essa parte da cidade era chamada “Cidade Velha”, pelos aspectos das ruas e casas, notadamente de padrões mais baixos e manutenção precária.

Atilio Corrêa Lima denunciou de forma contundente os rumos do processo de urbanização ao Prefeito de Barra Mansa, dirigindo-o uma carta em abril de 1943 em que lembrava que o projeto da cidade industrial de Volta Redonda tratava-se de um “núcleo urbano racional”. Posteriormente, enviou outra carta, dessa vez dirigida ao Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado. Nela o urbanista renovou suas denúncias e mencionava os interesses econômicos envolvidos e as pressões dos proprietários de terras contra os planos da Vila Operária e o regional em elaboração, que na sua visão eram influências perversas da herança fundiária local (LOPES, 2003).

Entretanto, a CSN colaborava com materiais para a montagem de barracos e fazia vista grossa aos excluídos, tentando mitigar as emergências e tensões sociais por não conseguir fornecer habitações em número suficiente para os seus empregados. Conseqüentemente, a empresa colaborava indiretamente para expansão desenfreada que Corrêa Lima fortemente denunciou até a véspera de sua morte.

A não execução do planejamento levou à ocupação das áreas mais distantes e periféricas de difícil acesso. Loteamentos clandestinos surgiram nos terrenos das antigas e decadentes fazendas de café,

bem como as ocupações irregulares, principalmente nas encostas dos morros e nas margens de rios. Assim, em 1949 surgiram as primeiras favelas de Volta Redonda, as então chamadas Morro dos Atrevidos e Vila dos Índios, relacionadas à desmobilização dos trabalhadores da construção civil (LOPES, 2003). Essas ocupações foram sendo adensadas, desafiavam o controle urbanístico e deram origem às comunidades segregadas e aos conflitos sociais e culturais que perduram até hoje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima teve uma marcante e intensa produção projetual no período que compreendeu o seu retorno ao Brasil em 1931 (após formar-se urbanista em Paris) e a sua trágica morte em agosto de 1943. Certamente Corrêa Lima teria elaborado mais planos e projetos de urbanização e possivelmente o planejamento urbano no país teria outros desdobramentos, inclusive no que diz respeito à Brasília, mesmo que se conservando os cânones do movimento moderno.

O conjunto da Vila Operária com a usina siderúrgica da CSN foi o símbolo e a síntese do modelo do país urbano e industrial que o Estado Novo de Vargas queria desenvolver no Brasil. O complexo CSN-Volta Redonda formava um conjunto urbano-industrial, uma verdadeira *Company-town* fordista (BENTES; COSTA, 2008) orientada e dirigida pela indústria estatal. Observa-se que a CSN não era apenas uma instituição produtiva, mais sim o próprio centro da organização social daquele lugar e que polarizava a região do Médio Paraíba fluminense e os territórios ao redor. A estreita relação entre a empresa e seus empregados e familiares foi denominada de modo eufemístico como a “família siderúrgica”, numa ação paternalista típica da Era Vargas.

Apesar do Plano Regional de Corrêa Lima ter ficado inconcluso e o desenvolvimento urbano da região ter ocorrido, em grande parte, de maneira espontânea e desarticulada, os planos industriais subsequentes que acompanhavam as etapas de expansão da CSN estatal e, conseqüentemente da urbanização, consideravam ações na escala regional e não apenas no território de Volta Redonda. Isso ocorria mesmo com o foco principal sendo mantido na expansão da indústria e de sua produção, com o espaço e as qualidades urbanas sendo tratados como decorrências do progresso fabril.

Hoje, apesar das casas da antiga Vila Operária da CSN estarem muito alteradas, tanto em suas formas espaciais quanto nos usos – muitas sendo utilizadas em atividades de comércio e serviços –, o projeto de urbanização elaborado por Corrêa Lima para Vila permanece perceptível, com suas qualidades urbanísticas e paisagísticas sendo em grande parte mantidas. Essas características são motivo de distinção e de valorização imobiliária da Vila em comparação com outras áreas da cidade de Volta de Redonda.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marlice Nazareth Soares. O espaço fluminense e a intervenção urbana no Estado Novo. In: REZENDE, Vera (Org.). **Urbanismo na Era Vargas: a transformação das cidades brasileiras**. Niterói: EdUFF/Intertexto, 2012. p.177-196.

BENTES, Júlio Cláudio da Gama. **Dispersão Urbana no Médio Paraíba Fluminense**. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, USP/FAU. São Paulo, 2014.

_____.; COSTA, Maria de Lourdes P. M. A Cidade-Empresa e a Empresa na Cidade: Volta Redonda e a Companhia Siderúrgica Nacional. In: **X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo – X Shcu**. Recife: UFPE,2008, CD-ROM.

LOPES, Alberto Costa. **A aventura da forma: urbanismo e utopia em Volta Redonda**. Rio de Janeiro: E-papers,2003.

MOREIRA, Regina da Luz.; BRANDY, Maurette. **CSN um sonho feito de aço e ousadia**. Rio de Janeiro: CSN/CPDOC-FGV, 2005.

MOREIRA, Ruy. Ascensão e Crise de Paradigma Disciplinar. In: _____. **A Reestruturação Industrial e Espacial do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: GERET/NEGET/GECEL,2003.

PAULA, Aloísio Lélis. **O Papel da Ferrovia na Configuração do Território de Barra Mansa-RJ**. Dissertação de Mestrado, UFF/PPGAU, Niterói,2009.

PIQUET, Rosélia. **Cidade-Empresa: presença na paisagem urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOUZA, Cláudia Virgínia Cabral. **Pelo Espaço da Cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda**. Dissertação de Mestrado, UFRJ/IPPUR, Rio de Janeiro,1992.